

## Prólogo

Não sei o que me acordou esta noite. Não foi o ramo do castanheiro a bater contra a minha janela, não foi a *Pani Kolečka* a tossir no quarto ao lado. Não foi nada disto. Talvez tenham sido os fantasmas destes ruídos, assolados pelo vento, trazidos através do oceano para me virem bater à consciência. Talvez. De uma coisa tenho a certeza: o meu corpo está esgotado, como um país estrangeiro depois de uma guerra. E, no entanto, não consigo voltar a adormecer.

Penso em ti. No rosto que a minha memória consegue conjurar com os seus contornos rudes e detalhes finos, os olhos verde-azulados, da mesma cor do Mar Báltico no inverno. Penso no teu rosto enquanto me levanto, enquanto me movimento no meio da escuridão entre a cama e a janela, as roupas caídas no chão como um monte de pensamentos inacabados. Depois, lembro-me da noite de ontem e o arrepio que me assalta faz-me parar de repente. O rádio estava ligado, era a hora da música, como todos os dias depois do trabalho: ouvia-se algo suave, mas já não me lembro de quê. Estava de pé na cozinha, a procurar o café, quando a música parou.

«*Interrompemos este programa para fazer um anúncio especial*», disse a senhora na sua voz suave e macia.

*«Esta manhã, dia treze de dezembro, foi declarada a lei marcial na República Socialista da Polónia. Sucede a semanas de greves e agitação dos manifestantes pró-democracia e à ascensão meteórica do primeiro sindicato independente do bloco comunista, Solidarność» (mal pronunciado). «Num comunicado televisivo, o governo anunciou uma série de medidas drásticas: escolas e universidades foram encerradas, as fronteiras do país foram fechadas e foi imposto o recolher obrigatório à população. Manter-vos-emos informados de quaisquer desenvolvimentos.»*

E a música continuou a tocar.

Nem sequer consigo explicar-te o que senti naquele instante, sei apenas que foi a mais pura forma de paralisia. O meu corpo deve ter-se desligado antes de que a minha mente pudesse reagir. Não faço ideia de como cheguei à cama.

Acendo um cigarro em frente à janela. Lá fora, a rua está deserta e a chuva noturna brilha sobre o passeio, refletindo os edifícios de dois andares e os sinais de néon que parecem crepitar. «24 horas», diz na espelunca de hambúrgueres ao fundo do quarteirão. «Loja de Conveniência Ponto Verde da Wanda», sussurra outro letreiro em tons de vermelho e branco. As sirenes da polícia fazem-se ouvir ao longe. É bizarro, mas o som é o mesmo que em casa. Sempre que ouço uma destas sirenes, os pelos dos meus braços arrepiam-se. Fazem-me recordar a noite em que o mesmo som estridente inundou o ar de uma cidade longínqua. Antes dessa cidade se tornar apenas um contorno, um assunto nos noticiários estrangeiros. Antes de a solidão me cobrir como um manto de alcatrão azul-noite.

Não sei se algum dia vou querer que leias isto, mas sei que preciso de o escrever. Porque já ando a pensar em ti há

demasiado tempo. Desde aquele dia, há doze meses, em que entrei num avião e voei por entre as espessas camadas de nuvens que se espalhavam sobre o oceano. Um ano desde que te vi pela última vez, um ano que se assemelhou a um limbo — desde esse dia que ando a mentir a mim mesmo. E agora estou aqui encurralado, na pavorosa segurança da América, enquanto o nosso país se desmorona, e estou farto de fingir que já te apaguei do pensamento. Há coisas que não se conseguem apagar apenas com o silêncio. Há algumas pessoas que têm este poder sobre nós, mesmo que nos custe aceitar. Agora começo a perceber. Algumas pessoas, alguns acontecimentos, fazem-nos perder a cabeça. São como guilhotinas, cortam-nos a vida em dois, os mortos e os vivos, o antes e o depois.

É melhor começar pelo princípio — ou, pelo menos, pelo que parecia ser o princípio. Apercebo-me agora de que nunca falámos muito acerca do nosso passado. Talvez alguma coisa tivesse mudado se o tivéssemos feito, talvez nos tivéssemos compreendido um pouco melhor e tudo tivesse sido diferente. Quem sabe? De qualquer maneira, acho que nunca te falei do Beniek. Chegou mais de uma década antes de ti. Tinha eu nove anos, e ele, também.



## Capítulo 1

Conheci o Beniek durante quase toda a minha vida. Vivia ao virar da esquina, no nosso bairro, em Wrocław, composto por ruas curvas e edifícios de apartamentos com três andares que, vistos do céu, formavam uma águia gigante, o símbolo do nosso país. O bairro tinha sebes, pátios amplos e cada apartamento contava com um pequeno jardim, assim como caves frescas e húmidas e sótãos empoeirados. Não se tinham passado sequer vinte anos desde que as nossas famílias se mudaram para ali. As nossas caixas do correio ainda diziam «*Briefe*», em alemão. Toda a gente — as pessoas que aqui viveram antes e as que depois as renderam — tinha sido forçada a abandonar as suas casas. De um dia para o outro, as fronteiras do continente mudaram, foram redesenhadas como as linhas de giz do jogo da macaca que jogávamos no passeio. No fim da guerra, o oeste da Alemanha tornou-se Polónia e o oeste da Polónia tornou-se parte da União Soviética. A família da minha avó foi obrigada a sair das suas terras perto de Lviv. Os Soviéticos tiraram-lhes as casas e levaram-nos nos mesmos comboios de gado usados para levar judeus para os campos de concentração, um ano ou dois antes. Acabaram por ir para Wrocław, uma cidade habitada por

alemães durante séculos, para um apartamento acabado de abandonar por uma família que nunca conhecemos, a louça suja no lava-loiça, as migalhas ainda sobre a mesa. Foi aqui que cresci.

Todas as crianças do bairro brincavam juntas nos passeios largos, ladeados por árvores e bancos. Brincávamos à apanhada, saltávamos à corda com as raparigas e corríamos pelos pátios, a gritar, a saltar sobre as barras duplas que pareciam postes de rãguebi onde as mulheres costumavam pendurar os tapetes para os baterem. Os adultos ralhavam conosco e desatávamos a correr. Éramos crianças sujas, cheias de pó. No verão, corríamos pelas ruas de calções, meias até ao joelho e suspensórios; no outono, quando o chão estava coberto de folhas, usávamos casacos finos de lã e continuávamos a correr depois de o gelo invadir o chão e o ar frio nos arranhar os pulmões, transformando a respiração em nuvens à frente dos nossos olhos. Na primavera, no dia de Śmigus-Dyngus, atirávamos baldes de água para cima de qualquer rapariga que não fosse suficientemente rápida a fugir, encharcávamo-nos uns aos outros e perseguíamos-nos entre nós; voltávamos para casa encharcados até aos ossos. Aos domingos, atirávamos pedras às garrafas de leite que empoleirávamos nos parapeitos das janelas, onde ninguém as conseguia roubar, e fugíamos genuinamente assustados quando uma das garrafas se partia e o leite começava a escorrer devagar pelo edifício abaixo, os rastos brancos a rasgar as fachadas cheias de fuligem como se fossem lágrimas.

Beniek fazia parte deste bando de miúdos e era um dos mais destemidos. Acho que naquela altura nunca chegámos a falar, mas eu dava pela presença dele. Era mais alto do que a maior parte de nós, a pele um pouco mais escura, não sei

como nem porquê; tinha as pestanas compridas e uma expressão rebelde no olhar. E era bondoso. Em certa ocasião, quando íamos a fugir de um adulto depois de uma malandrice qualquer de que há muito me esqueci, tropecei e caí na gravilha de arestas aguçadas. Os outros miúdos passaram por mim, levantando pó à minha volta, e tentei levantar-me. Tinha o joelho a sangrar.

— Estás bem?

Beniek estava de pé junto a mim com a mão estendida. Aceitei a mão e senti a força do corpo dele a pôr-me de pé.

— Obrigado — murmurei e ele sorriu de forma encorajadora antes de desatar a correr outra vez. Segui-o o mais depressa que pude, feliz e esquecendo-me da dor no joelho.

Algum tempo depois, Beniek foi para uma escola diferente e deixei de o ver. Mas voltámos a encontrar-nos quando fizemos a Primeira Comunhão.

A igreja da paróquia ficava a uma breve caminhada da nossa rua, para lá do pequeno parque onde nunca brincávamos porque estava sempre cheio de bêbedos, para lá do cemitério onde a minha mãe seria sepultada anos depois. Íamos à missa todos os domingos. A avó dizia que havia famílias que só iam nas festividades, ou nunca, e eu tinha inveja das crianças que não eram obrigadas a ir à missa tantas vezes como eu.

Quando as aulas para a Primeira Comunhão começaram, reuníamo-nos na cripta duas vezes por semana. As aulas eram dadas pelo Padre Klaszewski, um sacerdote que era pequeno e velho, mas inteligente, cujos olhos azuis quase perderam toda a cor. Era um homem paciente, na maior parte das vezes; repousava as mãos na batina preta enquanto falava, uma mão a segurar a outra, e olhava para nós com aqueles olhos pequenos e desbotados. Mas, outras vezes, perante

alguma parvoíce menor da nossa parte, como quando começávamos a conversar ou a fazer caretas uns aos outros, explodia, agarrava, aparentemente ao acaso, num de nós pela orelha, com o indicador e o polegar a apertarem o lóbulo com força, e puxava, puxava até ficarmos a ver estrelas e tudo negro à nossa volta. Isto raramente acontecia como castigo do nosso pior comportamento. Parecia uma arma arbitrária, que se tornava ainda mais assustadora pela sua natureza aleatória e imprevisível, como se fosse a demonstração de fúria de um deus impiedoso.

Foi aqui que voltei a ver Beniek. Fiquei surpreendido de o ver ali, porque nunca o vira na missa. Tinha mudado. O miúdo magricela de que me lembrava estava a transformar-se num homem — pelo menos foi o que pensei — e, apesar de termos apenas nove anos, já se vislumbrava a masculinidade a desenvolver-se nele: o pescoço era forte, com uma cova onde se situava a maçã de Adão; pernas compridas e fortes que lhe saíam dos calções enquanto permanecíamos sentados em círculo na sacristia; músculos visíveis sob a pele; pelos finos a aparecer por cima dos joelhos. Continuava a ter o cabelo rebelde, encaracolado e preto e os mesmos olhos, escuros e suavemente malandros. Creio que nos reconhecemos mutuamente, embora não tenhamos trocado sinais. Mas, depois das primeiras aulas, começámos a conversar. Não me lembro sobre o que conversávamos. Como se criam laços com outras crianças quando também somos pequenos? Talvez apenas através de interesses comuns. Ou talvez seja algo que está algures num lugar mais profundo, onde tudo o que fazemos e dizemos constitui um código inconsciente. Mas a verdade é que começámos a dar-nos bem. De forma natural. Depois da aula de estudo da Bíblia, que tinha lugar às terças e quintas à

tarde, apanhávamos o elétrico para ir para o centro da cidade; passávamos pelo zoo e pelo leão de néon empoleirado no cimo do portão da entrada; pelo Pavilhão do Centenário e a sua cúpula, que os alemães construíram para assinalar o aniversário de qualquer coisa que ninguém estava interessado em recordar. Passávamos pelas pontes de ferro que cruzavam o calmo e acastanhado rio Odra. Encontrávamos muitos terrenos vazios ao longo do caminho, a cidade parecia uma boca aberta onde faltavam dentes. Alguns quarteirões tinham apenas um edifício solitário, encardido, que se erguia sem mais nenhum à volta, como uma ilha suja no meio de um mar preto.

Não contámos a ninguém estas escapadelas — os nossos pais não teriam autorizado. A minha mãe teria ficado preocupada: com os veteranos de rostos corados que vendiam bugigangas no mercado do centro, com os membros amputados e expostos, com os «pervertidos» — a palavra saía-lhe dos lábios como se fosse uma serpente de duas cabeças, perigosa e excitante. Por isso, esgueirávamo-nos sem dizer uma palavra e imaginávamos que éramos piratas a saquear a cidade. Quando estava com ele, sentia-me ao mesmo tempo livre e protegido. Passávamos pelos quiosques e fazíamos deslizar os dedos pelas páginas lustrosas das revistas caras, apontando para coisas que quase não conseguíamos entender o que eram — monges orientais, homens das tribos africanas, mergulhadores nos penhascos do México —, deslumbrados com a imensidão absoluta do mundo e as cores que brilhavam mesmo por baixo do branco e preto que cobria as páginas.

Começámos a encontrar-nos também noutros dias, depois das aulas. Na maior parte das vezes ficávamos no meu apartamento. Jogávamos às cartas no chão do meu quarto

minúsculo, que tinha a largura de um radiador, enquanto a minha mãe estava fora, a trabalhar, e a minha avó vinha trazer-nos leite com pão polvilhado de açúcar. Só fomos uma vez para casa dele. A escada do edifício era igual à nossa, húmida e escura, mas de certa forma parecia mais fria e suja. O interior do apartamento era diferente — havia mais livros e não vi crucifixos em lado nenhum. Ficámos no quarto do Beniek, do tamanho do meu, a ouvir discos que os seus familiares lhe enviavam do estrangeiro. Foi ali que ouvi os *Beatles* pela primeira vez, a cantar «Help!» e «I Want to Hold Your Hand», músicas que me transportaram instantaneamente para um mundo que adorei. O pai dele estava no sofá a ler um livro e a sua camisa branca era a coisa mais brilhante que alguma vez vira na vida. Era um homem calmo, falava de forma terna e senti inveja do Beniek por isso. Senti inveja porque nunca tive um pai de verdade, já que o meu saía de casa quando eu ainda era pequeno e, desde então, nunca demonstrara grande interesse em estar comigo. Lembro-me apenas vagamente da mãe do Beniek. Preparou-nos peixe grelhado e sentámo-nos todos à mesa da cozinha, o peixe salgado e seco, as espinhas a espetarem-se no interior das minhas bochechas. A mãe dele também tinha o cabelo preto e, apesar de os olhos serem como os do Beniek, tinham uma expressão estranhamente ausente quando sorria. Já naquela altura achei estranho que eu, uma criança, sentisse pena de um adulto.

Numa certa noite, quando a minha mãe chegou a casa, do trabalho, perguntei-lhe se o Beniek podia vir viver connosco. Queria que ele fosse como meu irmão, que estivesse sempre por ali. A minha mãe despiu o casaco comprido e pendurou-o no cabide ao lado da porta. Percebi logo pela sua expressão que não estava muito bem disposta.

— Sabes, o Beniek é diferente de nós — disse ela num tom desdenhoso. — Não poderia fazer parte da nossa família.

— Porque dizes isso? — perguntei, intrigado. A minha avó apareceu à porta da cozinha, com um pano na mão.

— Deixa lá, Gosia. O Beniek é um bom rapaz e vai fazer a Comunhão. Agora, venham, os dois, a comida vai ficar fria.

Num sábado à tarde, eu e o Beniek estávamos a jogar à apanhada na rua em frente a casa com algumas crianças do bairro. Lembro-me que o dia estava quente e húmido, com o sol a espreitar ocasionalmente por entre as nuvens. Brincámos e corremos, incentivados pelo calor cada vez mais forte que pairava no ar, sentindo-nos protegidos sob a copa dos castanheiros. Estávamos tão entretidos na brincadeira que nem reparámos no céu que ia escurecendo até começar a chover. O passeio ficou preto com a água e depois de um dia tão quente regozijámo-nos com a chuva, os nossos cabelos colados ao rosto como algas marinhas. Recordo-me vividamente do Beniek nesse dia, a correr, sem ter noção de mais nada a não ser o jogo, alegre e profundamente livre. Quando já estávamos exaustos e encharcados até aos ossos, fomos a correr para o meu apartamento. A minha avó estava à janela, a chamar-nos para dentro de casa, avisando que ainda nos constipávamos. Uma vez em casa, levou-nos para a casa de banho e fez-nos despir a roupa e secar o corpo. Tive consciência de que queria ver o Beniek nu, fiquei surpreendido com a rapidez com que este desejo me assaltou e o meu coração sobressaltou-se quando ele se despiu. O seu corpo era sólido e pleno de mistérios, branco, liso e forte, como o de um homem (ou assim pensei na altura). Os mamilos eram maiores e mais escuros do que os meus; o pénis, também

maior, mais comprido. Mas o que mais me confundiu foi verificar que não tinha pele na ponta, parecia uma daquelas bolotas com que brincávamos durante o outono. Nunca tinha visto o pênis a mais ninguém, por isso questionei-me sobre se o meu teria alguma coisa de errado, se era a isto que a minha mãe se referia quando disse que o Beniek era diferente. Fosse como fosse, esta diferença deixou-me entusiasmado. Depois de nos secarmos, a minha avó envolveu-nos em cobertores grandes e parecia que tínhamos acabado de chegar de uma viagem por terras maravilhosas.

— Venham para a cozinha! — disse ela com uma voz invulgarmente alegre. Sentámo-nos à mesa a beber chá preto quente e a comer gofres. Não me lembro de alguma vez ter comido algo que me soubesse tão bem. Sentia-me inebriado, alguma coisa dentro de mim pulsava como uma dor suave.

Chegou o dia de fazermos a excursão para a Primeira Comunhão. Fomos para norte, em direção a Sopot. Estávamos naquele tipo de início de verão que faz esquecer todas as memórias das outras estações do ano, em que a luz e o calor nos envolvem e alimentam por completo. Fomos de autocarro, mais ou menos quarenta crianças, para um centro de lazer isolado, perto da floresta para lá da qual ficava o mar. Fiquei a partilhar quarto com o Beniek e outros dois rapazes; dormimos em beliches, eu, no de cima, ele, no de baixo. Fazíamos caminhadas, cantávamos e rezávamos. Jogávamos jogos da Bíblia organizados pelo Padre Klaszewski. Visitámos uma capela antiga de madeira na floresta, escondida por entre os pinheiros, e rezámos com terços como se fossemos um exército de anjos obedientes.